

## SLAM – POESIA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUAS DE SINAIS E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE

Slam - Contemporary poetry em sign languages and its influence in so-ciety

**Bruno Ferreira Abrahão<sup>1</sup>**

### RESUMO

Este artigo estuda o Slam surdo como manifestação da poesia em língua de sinais contemporânea e pesquisa suas origens dentro e fora do Brasil. Tenta também pensar sobre sua construção como arte poética, explorando seus principais elementos. Além disso, apresenta o resultado de uma pesquisa com dez ouvintes sobre o Slam Surdo, com o objetivo de verificar possíveis impactos provocados pela difusão do Slam Surdo entre sujeitos não falantes de línguas de sinais. Assim, pretende verificar a possibilidade do Slam surdo ser usado como meio de promoção da cultura surda e das línguas de sinais.

### PALAVRAS-CHAVE

Slam surdo; Literatura surda; Cultura surda.

### ABSTRACT

This article studies deaf Slam as a manifestation of contemporary sign language poetry and examines its origins, inside and outside Brazil. It also tries to think about its construction as poetic art, exploring its main elements. In addition, it presents the result of a survey with ten listeners on Slam Deaf, with the aim of verifying possible impacts caused by the spread of Slam Deaf among non-sign language speakers. Thus, it aims to verify the possibility of using deaf Slam as a means of promoting the deaf culture and sign languages.

### KEYWORDS

Deaf Slam; Deaf literature; Deaf culture.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. bruno@letras.ufjf.br.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a estrutura da poesia contemporânea nas línguas de sinais, destacando o SLAM e apresentando suas características, temas mais apresentados e, sobretudo, o impacto e a importância dessa manifestação artística dentro da comunidade surda e ouvinte.

Para a realização do trabalho, foram desenvolvidas pesquisas de cunho qualitativo, bibliográfica e de campo. A coleta de dados na pesquisa de campo foi feita por meio de observação e entrevistas, realizadas pessoalmente e também através de questionário aplicado pelo Google Forms, com perguntas fechadas. Essas perguntas tiveram relação com as possíveis formas de recepção por surdos e ouvintes do Slam Surdo e seus impactos no questionamento sobre imagens relativas aos sujeitos surdos. Foram também estudados vídeos e performances do Slam surdo, a fim de compreender melhor sua estrutura como manifestação artística, seus contextos e impactos na sociedade contemporânea.

O Slam surdo mostra a riqueza e a diversidade proporcionadas pela língua através das diferentes perspectivas de surdos e ouvintes. Refletiremos sobre a recepção do Slam surdo nas comunidades de ouvintes e surdos e pensaremos sobre como reagem a essas poesias, a fim de investigar se elas têm a capacidade de mudar pensamentos negativos sobre o indivíduo surdo.

É importante perceber que com o passar do tempo a poesia em língua de sinais foi se modificando, ganhando novos elementos e apresentando uma produção estética com características específicas. O Slam surdo é um movimento que traz para sua poesia todas essas características contemporâneas e reforça o orgulho surdo.

Antes de falarmos sobre esse movimento específico precisamos entender o surgimento do SLAM. Em 1994, em Chicago, surgiu o termo SLAM para definir as poesias de periferia produzidas oralmente. Além de ser uma batalha de poesia, o SLAM se tornou um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico no mundo todo. Apresenta questões da atualidade para serem debatidas durante uma competição e o poeta é performático, só conta com o recurso de sua língua e de seu corpo. O SLAM é um grito, atitude de “reexistência”, termo criado pela fusão das palavras existência e resistência, de acordo com a professora Ana L. S. Souza (*APUD NEVES, 2017*).

Bob Arnold, poeta e criador, fundou em 2003 a Noite de Contos e Poesias da ASLian (em Língua de Sinais Americana – American Sign Language,

ASL) em março de 2005. Algum tempo depois mudou o nome para ASL SLAM. Eles se reuniam no famoso Bowery Poetry Club em Manhattan proporcionando um espaço mensal para manifestações poéticas em ASL. Atualmente, fazem turnê mundial levando as apresentações para diversos países. No começo, a maioria dos participantes era de ouvintes que sabiam ASL ou estavam aprendendo a língua, hoje em dia a maioria dos artistas são surdos, marcando uma mudança significativa no grupo.

Douglas Ridloff, atual proprietário e diretor executivo da ASL SLAM, então poeta, artista e intérprete emergente, juntou-se à família ASL SLAM em 2009. Em 2010, tornou-se o único anfitrião e a ASL SLAM virou uma marca, atraindo atenção nacional e internacional e audiências e artistas de todo o mundo. Em 2013, o ASL SLAM iniciou sua primeira turnê visitando Michigan, Austin, França e muitos outros lugares. Hoje, o ASL SLAM continua a crescer oficialmente, lançando eventos mensais em Boston e Chicago. O grupo tem como missão apresentar e incentivar novos trabalhos experimentais, utilizando poesia, performance, improvisação, literatura, artes visuais, linguagem e música, além de fornecer um local para artistas emergentes e estabelecidos apresentarem seus trabalhos em um ambiente seguro e de apoio.

Para alcançar tais objetivos, o ASL SLAM produz vídeos como meio de preservar a língua de sinais e expor artistas a um público amplo. É seu objetivo preservar e enriquecer as experiências culturais em comunidades surdas e ouvintes, para fazer a diferença e impactar a mudança.

No Brasil, em 2014 o grupo Corposinalizante, integrado por surdos e ouvintes, criou o Slam do Corpo em parceria com o poeta Daniel Minchoni e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Diferente do grupo ASL SLAM, o Slam do Corpo faz suas performances em “batalhas”, utilizando a Libras e o Português oral, respeitando a estrutura linguística das duas línguas e as apresentações são feitas por duplas ou trios formados por surdos e ouvintes, juntos. As batalhas são um misto de ágora, jogo e celebração e se realizam em performances poéticas numa composição de línguas e corpos.

A atividade abre com um momento chamado “corpo aberto”, no qual qualquer pessoa pode apresentar um poema. Depois se iniciam as batalhas de poesias, na qual os poetas performatizam poemas nas duas línguas ao mesmo tempo. Os jurados são escolhidos na hora, eleitos do próprio público.

Os poemas devem ser autorais, não podem passar de três minutos de duração e nem ter apoio de qualquer objeto de cena. O evento conta com um intérprete de Libras para quem quiser recitar sua poesia.

Observando a estrutura superficial dessas poesias apresentada no SLAM surdo, podemos dividi-las em duas categorias, aquelas que utilizam a estrutura gramatical das línguas de sinais, isto é, poesias com narrativas compostas por sinais e itens gramaticais próprios da língua, como a poesia Empatia do grupo Slam do Corpo. E a segunda categoria, com poesias compostas apenas por classificadores, sem a utilização de nenhum sinal como, por exemplo, Symbiosis. Porém existem outras características presentes nas duas categorias e que dão o formato final da obra como a rima, expressões facial/ corporal, ritmo, métrica, som, movimento e velocidade.

A rima consiste em uma uniformidade de sinais causando harmonia e conforto visual, além de fazer uma brincadeira com os sinais. A rima pode ser executada de diferentes formas, como a simetria bilateral, ou seja, a mesma configuração de mão executada ao mesmo tempo com as duas mãos ou a utilização de sinais com configuração de mãos igual ou semelhante.

As expressões facial e corporal podem ser gramaticais ou não e podem aparecer discretamente na narrativa, quando a narrativa da poesia está dando ênfase à sinalização, como na performance *O Mudinho* do poeta Edinho Santos. A expressão facial/corporal pode tomar uma aparição extravagante, quando a narrativa é executada pelas próprias expressões, utilizando alguns classificadores/sinais.

Ritmo e métrica são características estéticas que trazem uma marcação de tempo para as produções poéticas. O ritmo é um movimento coordenado, uma repetição de intervalos regulares ou irregulares produzidos por alguma parte do corpo, podendo ser marcado por um pé batendo no chão, um movimento de cabeça ou intervalos regulares na sinalização. Já a métrica é uma marcação de tempos fortes e fracos representada pelos movimentos das mãos no sentido horizontal, vertical e diagonal. Tamiozzo e Guedes destacam que na música são encontrados os mesmos recursos de um poema.

A rima é uma característica própria de um texto poético, como a música, mas não é obrigatória, existem versos sem rima, porém sempre será escrita de forma a manter a melodia. O ritmo em uma música pode ser

explicado como sendo um agrupamento harmonioso e regular de sons fortes e fracos, de maior ou menor duração, o que confere, a cada trecho musical, características especiais.

O som é uma nova característica utilizada na poesia em língua de sinais e marca essa fase contemporânea. A utilização do som na poesia pode ocorrer de diferentes maneiras como através de alguma produção vocal, da utilização do próprio corpo para fazer algum barulho ou até mesmo da utilização de instrumentos musicais. Um vídeo que mostra um exemplo de poema em língua de sinais com a utilização de instrumentos foi feito pelo poeta Douglas Ridloff. Nele o poeta começa a criar poesias que tinham ritmo e métrica sem utilizar o som, isso permitiu que ele associasse o som à poesia visual. Trabalhando com a Merge Art Collective, uma das organizadoras, Mia Marlene, pediu que Douglas criasse um poema, e ao analisar o poema, Mia fez uma partitura e assim surgiu o poema registrado nesse vídeo.

E para finalizar as características estruturais, temos o movimento e a velocidade, que estão ligados. A velocidade pode marcar a passagem de tempo ou a velocidade de algum item presente no poema, mostrando lentidão ou rapidez. Elas podem variar de acordo com a demonstração dos planos, tendo diferentes intensidades de velocidade e movimento ocorrendo no mesmo plano.

Além de toda a sua carga semântica influenciada pela manifestação contra a opressão, pelas lutas, orgulho surdo e identidade, a poesia surda é formada por características estruturais que trazem forma e estética às suas narrativas. Sendo assim, “Literatura Surda pode assumir e conceber uma forma literária mais complexa e associada à identidade surda” (ABRAHÃO, 2017) .

Ao olharmos o começo da história dos surdos podemos perceber anos de segregação que afetaram o desenvolvimento dessa comunidade em diversas áreas, principalmente nas desinformações de outros grupos sociais em relação à comunidade surda. Suas línguas, culturas e identidades foram desvalorizadas e consideradas inferiores, acarretando a falta de profissionais na área da literatura que compreendessem a diferença e que não tivessem uma visão de deficiência.

Depois de alguns anos de luta, a comunidade surda foi ganhando visibilidade e reconhecimento, como no Brasil. Em 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como meio de comunicação e

expressão. A lei 10.436 afirma que a Libras deve ser entendida como meio de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Como meio de expressão que transmite ideias e fatos da comunidade surda, as línguas de sinais através das manifestações poéticas podem contribuir para a luta pelo reconhecimento, pela visibilidade e pela valorização da comunidade surda. Quanto mais obras os poetas surdos produzirem e quanto maior a divulgação desses trabalhos, mais pessoas terão acesso, tomarão conhecimento das histórias de resistência de um povo que por muitos anos sofreu tentativas de ser apagado. Assim a poesia em línguas de sinais tem grande importância para toda a humanidade.

Especificando uma categoria da poesia, a contemporânea, podemos dizer que é uma expressão artística que começa a se destacar a partir da segunda metade do século passado, dando grande atenção à forma, característica que as poesias anteriores não consideravam. Devemos ressaltar que a poesia vai muito além do registro escrito, pois como forma de arte é anterior à escrita; sendo assim, a poesia não está presa as palavras registradas em papel e sim a manifestações artísticas em diversas modalidades e línguas. Mesmo esses conhecimentos estando difundidos na sociedade ainda sim há uma discussão sobre se a literatura surda, produzida em língua de sinais, é ou não Literatura, Karnopp ressalta:

Articulando-se as força de resistência surda que os vídeos apontam, é possível entender que a busca por outras formas de representação surda é também uma forma de exercício de poder. Inventam-se outras verdades sob a forma de outros saberes, produzindo-se, assim, outras representações (2011, p. 38).

A comunicação vai muito além do que a conversa verbal/gestual entre as pessoas, a comunicação pode se fazer por meio de imagens, gestos, sons etc. Qualquer meio artístico comunica alguma mensagem; podemos perceber, em um texto sobre o teatro, essa comunicação feita através da arte mencionada por Neto:

Desde a antiguidade, o teatro vem acompanhando as discussões humanas das questões mais íntimas às de âmbito macro.

Tais problematizações têm trazido luz para as nossas formas de ver o mundo, pensar e agir. Nesse sentido, o teatro é um elemento de difusão cultural importantíssimo, pois traz consigo as discussões de um povo em um determinado contexto histórico, social e político (2017, p. 42).

Essa afirmação também pode ser feita para a poesia, que utiliza um item cultural como instrumento, a língua. Como qualquer língua, as línguas de sinais estão carregadas de histórias, sentimentos, cultura, lutas e muito mais. Sendo assim “a literatura conta a história de um grupo, de um povo, sua realidade, sua cultura, e podemos ver que a expressão literária pode ser tanto escrita, como sinalizada” (ABRAHÃO, 2017, p.5084)

Entre 1960 e 1970 ocorreram mudanças sociais, inicialmente nos Estados Unidos, que depois se alastraram por todo o mundo e acarretaram registros poéticos em língua de sinais.

Por causa dessas mudanças, surgiu o movimento do “orgulho surdo” e o reconhecimento de que as línguas de sinais são línguas independentes, com gramática e estrutura própria, acarretando no crescimento das línguas de modalidade gesto-visual e no trabalho dos poetas pioneiros em língua de sinais, como os de Dorothy Miles, de Ella Lentz e de Clayton Valli. Os poetas surdos foram e continuam sendo influenciados pelo movimento de “orgulho surdo” trazendo um empoderamento para sua língua e para o sujeito surdo.

Essa liberdade de expressão artística permitiu a esses poetas pioneiros que se tornassem modelos para outros surdos, reforçando ainda mais a importância linguística desse grupo social. Segundo Quadros:

O prazer é um elemento muito importante da poesia em língua de sinais que precisa ser considerado. Entretanto, muito da poesia é também – em algum nível – empoderamento dos povos surdos. Mesmo o prazer e o entretenimento proporcionados pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade linguística. Esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração (2017, p. 42).

O Slam Surdo é uma manifestação estética que promove a integração de culturas e de línguas diferentes. O SLAM em línguas de sinais constitui um gênero textual, sendo sua atribuição gesto-visual. As poesias produzidas pelo SLAM surdo transmitem conhecimento, características culturais, passam

uma mensagem, desconstruem alguns paradigmas preconceituosos e motivam outras pessoas a aceitarem suas identidades.

Karen Strobel ao analisar as identidades surdas constata que a cultura surda foi marcada por muitos estereótipos, seja por uma imposição cultural do povo dominante, seja por narrativas sociais que descrevem o povo surdo como deficiente. Dentro da comunidade Surda os poetas do SLAM são muito valorizados, pois representam a liberdade de aceitação e reconhecimento do sujeito surdo, isto é, o surdo não precisa ser igualado ao ouvinte, apagando sua diferença.

De acordo com as autoras Gladis Perlin e Karen Strobel, a modernidade acaba corroborando para fazer com que o surdo se molde de modo a fazer desaparecer sua diferença. O resultado desse processo é a presença do modelo ouvinte com sua importância e a do ser surdo como personificação do ser deficiente. Penso que o SLAM luta exatamente contra essa personificação da deficiência através das suas manifestações artísticas de resistência.

Douglas Ridloff contou no TEDxVienna a mudança que a poesia provocou em sua vida e relata sua importância. Dizendo entre outras coisas que escreveu uma história quando estava na oitava série. Sua professora lhe ofereceu duas opções: apresentá-la em língua de sinais ou ler em voz alta para a sala. Na época ele escolheu ler em voz alta, porque, durante sua educação disseram várias vezes que a língua falada era superior à língua de sinais.

Quando criança, Ridloff relata que nunca teve um surdo como exemplo de vida, mas aos 16 anos viu um poeta surdo pela primeira vez: Peter Cook. Suas expressões linguísticas o deixaram tão impressionado, que quando parou para raciocinar teve um momento de revelação sobre a língua de sinais e percebeu que era melhor a comunicação que modalidades orais e escritas, que ela tinha profundidade e fibra. Ridloff acreditava que o que aconteceu com ele não deve acontecer com outras crianças surdas, por isso trocou a sala de aula pelo mundo e fundou a Sociedade dos Poetas Surdos.

Ridloff disse que uma das três vertentes da Sociedade dos Poetas Surdos é o ASL SLAM, em que chamam diversas pessoas talentosas e artistas para se apresentarem no palco, compartilharem seu trabalho e inspirarem o público, pois desejam semear a nova geração de talentos. O intuito é regar essas sementes e deixá-las crescer para que tenham mais poetas, contadores de história e exemplos surdos.

No começo da narrativa de Ridloff podemos perceber um sujeito influenciado pela sociedade majoritária a ter sua diferença apagada, ensinado a dar mais valor a uma língua que não era a sua e desvalorizando sua língua de herança. Sendo assim, ele cresceu sob uma influência muito grande da comunidade ouvinte, um fator que torna a identidade e a cultura de uma comunidade heterogênea e confusa.

Após ter seu primeiro contato com a poesia através do poeta Peter Cook, ele percebeu que a língua de sinais era muito mais do que o haviam ensinado, não era uma língua superficial utilizada apenas para troca de informações. O atual poeta percebeu que havia uma profundidade e uma complexidade muito maiores do que as que ele conhecia, representando um marco para a sua vida, diferenciando as pessoas que era antes e depois de conhecer a poesia em língua de sinais. Percebemos o impacto dessa mudança quando ele diz que a história dele antes da poesia não deve se repetir com outras crianças surdas.

Depois de descobrir as línguas de sinais e sua importância para a identidade surda se expandir nas pessoas, Ridloff faz do mundo sua sala de aula, com o objetivo de influenciar mais surdos através da poesia. Fundando a Sociedade dos Poetas Surdos, ele permitiu que outros surdos tivessem contato com a poesia e através do ASL SLAM pode levar esse movimento para outros países, na tentativa de influenciar outros surdos a aceitarem sua identidade. Em sua apresentação no TEDxVienna ele disse que muitas pessoas surdas foram ensinadas a negar sua surdez e a tentar passar-se por pessoas ouvintes por muitos anos. Pelo seu discurso, podemos ver que ele acredita no poder de mudança que a poesia carrega.

Podemos perceber através dessa narrativa a importância do SLAM na comunidade surda, pois vai muito mais além do que simples relatos sobre uma sociedade, é um movimento que tem como objetivo maior libertar outros surdos que vivem negando sua surdez por causa da influência de um grupo social maior. Strobel concorda quando afirma que a literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõe as dificuldades ou as vitórias das opressões dos ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militares surdos e a valorização de sua identidade.

Assim como o SLAM pode mudar a consciência da comunidade Surda, também pode modificar o pensamento da comunidade ouvinte, por isso acreditamos que essas manifestações poéticas não devem ficar restritas ao grupo que sabe sinalizar e sim a toda a sociedade. É de extrema importância que todos tenham acesso e conheçam as histórias que vêm sendo passadas de geração em geração, através das línguas de sinais.

A maioria dessas histórias, segundo Strobel, partem de experiências das comunidades Surdas que transmitem seus valores e seu orgulho da cultura surda que reforçam os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens. Outras comunidades precisam ter acesso e conhecer essas narrativas para abrirem suas mentes e quebrarem os tabus sobre a surdez, mostrando que ela é um ganho. Por isso, acredito que o SLAM é muito importantes para a comunidade Surda, e após me apresentar para ouvintes, utilizando vídeos do SLAM, consegui perceber a importância da divulgação dessas poesias para os ouvintes.

A cultura Surda mostra como nos constituímos na diferença e construimos nossas identidades na língua de sinais, como pesquisadores da língua de sinais, da história de surdos, da cultura de transmissão, da arte surda, da educação de surdos e de surdez. Minha opinião sobre a arte surda é que ela dá visibilidade para as pessoas no mundo a respeito da língua de sinais, além de afetar o público no sentido de perceber que é uma linguagem própria para que eles possam expressar seus corações, já que a língua de sinais é mãe da linguagem que dá a nossa identidade com alto valor.

Partindo do pressuposto de que tratamos da literatura produzida em língua de sinais como algo híbrido, experimental e inespecífico, perceber sua influência no público é realmente um ato de romper com o cânone, promovendo uma literatura periférica e de resistência que ultrapassa os muros da comunidade Surda.

Bernardo Carvalho nos sugere no que tange à literatura brasileira que se propõe de resistência, pensar uma literatura de dissenso. Por esse viés consideramos atraente tratar o SLAM e o Visual Vernacular como expressões estéticas que atrapalham os consensos, os paradigmas pré-estabelecidos que sustentam visões excludentes e preconceituosas. A manifestação artística Surda fragiliza o modelo médico-terapêutico de observar a surdez como falta e

rompe com os estereótipos de que surdos são deficientes e, portanto incapazes de produzir arte.

Uma questão importante, que cabe tratar para concluir, sobre a importância de a arte Surda ultrapassar a comunidade Surda são alguns dados a respeito da visibilidade e relevância do SLAM surdo e Visual Vernacular coletados por meio de um questionário online.

Na pesquisa, feita com dez ouvintes, obtive como resultado preliminar que independente do uso da língua de sinais os ouvintes compreendem a poesia surda. Foi coletado que, após assistir o vídeo Caterpillar de Ian Sanborn, 61,5% dos ouvintes compreenderam e 38,5% não, mostrando que a maioria, mesmo sem saber a língua de sinais, consegue compreender a poesia.

Após assistirem aos vídeos “Voz”, de Amanda Lioli e Catherine Moreira, e “O Mudinho”, de Edinho Santos, as pessoas entrevistadas relataram o que compreenderam. A maioria percebeu a opressão que os surdos sofrem diariamente. Uma pessoa escreveu que a dificuldade que às vezes um surdo passa para ser aceito e uma deficiência auditiva não o torna inferior ou incapaz de viver uma vida que conceituamos como “normal”. A comunidade surda tem uma voz e deve ser aceita sem indiferença.

Vemos com esses resultados a inclusão e o alcance que existem nessas novas configurações da literatura periférica, como o SLAM e o Visual Vernacular, que conseguem impactar pessoas que nem sequer tiveram contato com a língua de sinais.

Acreditamos que o facilitador desta compreensão se dá pelo caráter híbrido do fazer artístico. Ainda podemos destacar que muitos despertam interesse em aprender língua de sinais pelo encantamento com a expressão da modalidade gesto-visual.

Destacamos que no Visual Vernacular o uso de classificadores, da linguagem cinematográfica, de mímica e expressões faciais fornecem pistas importantes para pessoas que não sinalizam terem compreensão e serem afetados pela mensagem de forma singular. No que se refere ao SLAM nesse processo, podemos perceber que sua poesia é um elemento cultural bastante importante, pois a partir dos registros teóricos e das narrativas pessoais de poetas surdos podemos perceber o impacto desse grupo na sociedade e a luta para empoderar sua comunidade.

Em consonância a tudo que foi registrado nesta pesquisa, compreendemos a “literatura surda” como as produções literárias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes nos textos e/ou nas imagens, nas representações do SLAM. Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos linguísticos para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra na forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso da língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas linguísticas completamente criativas e novas.

Há um uso criativo de configurações de mão, movimentos, locações e expressões não-manuais. O poema se abre para múltiplas interpretações e construções de sentidos. A cultura da Comunidade Surda é definida basicamente pela linguagem dos sinais de cada país e pela sua história de opressão e de luta por direitos, fazendo com que os defensores do movimento o identifiquem como uma única comunidade dividida em colônias pelo espaço territorial.

A surdez, vista pela maioria das pessoas como uma deficiência limitante, para a Comunidade Surda é apenas algo que exige uma reestruturação da comunicação e não algo que precise ser “curado”. A linguagem de sinais é o que difere esta de outras culturas e é a única fronteira entre surdos e ouvintes, assim como qualquer outra língua pode ser uma fronteira entre outras culturas ouvintes.

Compreendemos o que as experiências do surdo são, através de sua perspectiva visual, explorando assim sua expressividade, sua corporalidade, diferentes das dos ouvintes, que se expressam oralmente e centrados na teoria grafocêntrica. Os surdos, por exemplo, podem explorar toda essa expressividade através de seu ritmo, repetição, simetria ou assimetria, metáforas, tudo isso respeitando a estrutura sintática da Libras, compondo as estrofes através das expressões faciais presentes na Libras. A literatura surda no país encontra-se nos seus primórdios, necessitando ainda de autores, novas obras e insumo visual apropriados.

Em síntese, as expressões estéticas do SLAM, ao romperem com o homogêneo, tradicional, específico e o acabado faz com que elas se inscrevam

em fronteiras culturais que produzam bens simbólicos de culturas distintas, que dialogam e se influenciam mutuamente. Por fim, gostaríamos de sublinhar que a resignificação construída nesse processo dentro na comunidade Surda abre espaço para uma arte plural e dinâmica, ligada ao imediato, ao corpo, à performance e à resistência, causando assim rupturas profundas nas normas e nos padrões estéticos (RAMOS e ABRAHÃO, 2018).

Compreendo que esta pesquisa poderá colaborar para uma maior compreensão da poesia do SLAM em língua de sinais como elemento cultural que abrange surdos e ouvintes em sua importância. O SLAM surdo colabora para a visibilidade do “eu” surdo, em concordância com o que Emmanuelle Laborit reforçou sobre a questão dessa visibilidade:

Para aqueles que nascem com o nome na cabeça, o nome que o pai e a mãe repetem, que têm por hábito virar a cabeça quando alguém chama por esse nome, deve ser difícil entenderem-me. A sua identidade é-lhes dada à nascença. Não precisam de pensar no assunto, não se interrogam acerca de si mesmos. São “eu”, são “eu, mim” naturalmente, sem esforço. Conhecem-se, identificam-se, apresentam-se às outras pessoas com um símbolo que os representa. Mas a Emmanuelle surda não sabia que era “eu” ou “mim”. Compreendeu-o com a língua gestual, e agora sabe. Emmanuelle agora pode dizer: “Chamo-me Emmanuelle” (2000, p. 37).

## REFERÊNCIAS

CRUM, M. *Meet The Man Bringing Slam Poetry To The Deaf Community*. ARTS & CULTURE, Huffpost. 23 mai. 17. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/meet-the-man-bringing-slam-poetry-to-the-deaf-community\\_n\\_591f43f6e4b03b485cb17c33](https://www.huffpostbrasil.com/entry/meet-the-man-bringing-slam-poetry-to-the-deaf-community_n_591f43f6e4b03b485cb17c33)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BRASIL. Lei de LIBRAS nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em: 11 jul. 2019.

CINTRÃO, H. P. *Resenha: traduzir a canção*. TradTerm, São Paulo, v. 31, dez. 2018, p. 187-192.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARÍN, L. *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Karnopp L. B.; Klein, M., Lunardi-Lazzarin, M. L. (Orgs.). Canoas: Ed. ULBRA, 2011. 336p.

LABORIT, E. *O grito da gaivota*. Lisboa: Editorial Caminho, AS, 2000.

LADD, P. *Em busca da surdidade 1: colonização dos surdos*. Lisboa: Europress, indústria gráfica, 2013.

LIOLI, A. e MOREIRA, C. Voz. 2017. (2m16s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dl-s8rzmJqQ>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

NETO, V. S. S. A formação de tradutores de teatro para Libras: questões e propostas. 2017 Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Brasília.

NEVES, B. A. C. “Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. *Jornal da USP*. São Paulo, 2017.

PERLIN, G.; STROBEL, K. *Teorias da educação e estudos surdos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

QUADROS, R. M. *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

RAMOS, D. C. M. P.; ABRAHÃO, B. F. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da visual vernacular. *Pensares em Revista*, Dossiê Pensares Surdos, n. 12. São Gonçalo: FFP-UERJ, 2018.

RIDLOFF, D. Deaf Poets Society | Douglas Ridloff | TEDxVienna. 2019. (13m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0LZGYwDO-QE>>. Acesso em: 10 jul 2019.

SANTOS, E. *O mudinho*. 2018. (2m10s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bl4-k4YqkCw&t=3s>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SLAM DO CORPO. São Paulo, SP, Brasil. 2017. Disponível em: <<https://vimeo.com/user65325571/about>>. Acesso em: 10 jul 2019.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.